DIABO VERSUS SALVAÇÃO NA VISÃO DE TÚNDALO

DEVIL VERSUS SALVATION IN VISIO TNUGDALI

Adriana Zierer[1]
Solange Pereira Oliveira[2]

Resumo: A *Visão de Túndalo* é um *exemplum*, narrativa de caráter moralizante transmitida a um auditório, com objetivo de obter a conversão. Produzida no século XII por um monge cisterciense desconhecido, foi traduzida para o português no século XV. Através da figura do Diabo e dos tormentos no Inferno, os fiéis se arrependeriam dos pecados cometidos e buscariam a salvação, adotando o comportamento indicado pela Igreja Católica para conduzi-los ao Paraíso.

Palavras-chave: *Visão de Túndalo*, Além Medieval, Diabo, Salvação.

Abstract: *Visio Tnugdali* is an *exemplum*, a moral narrative with the task of convincing an audience for the purpose of conversion. Produced in the in twelfth century by an unknown Cistercian monk, it was translated to Portuguese in the fifteenth century (*Visão de Túndalo*). Through the image of the devil and of the torments in hell, the Christians would repent their sins and search for salvation, adopting the behavior indicated by the Catholic Church to conduct them to Paradise.

Key-words: *Visio Tnugdali* (Visão de Túndalo), Afterlife, Devil, Salvation.

A peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o Inferno. A Igreja Católica para incitar os fiéis a trabalhar por sua salvação apresenta-lhes mais o medo do Inferno que o desejo do Paraíso (LE GOFF, 2002, p. 30).

[1] Doutora em História Medieval. Professora Adjunta do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa *Brathair* – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e *Mnemosine* (Laboratório de História Antiga e Medieval da UEMA). Coordenadora do projeto de pesquisa *Viagens Imaginárias Medievais*. E-mail: medievalzierer@terra.com.br

[2] Bolsista do CNPq/PIBIC/UEMA na área de História nos períodos 2009-2010 e 2010-2011, sob a coordenação da prof. Adriana Zierer, inserida no projeto *Viagens Imaginárias Medievais*, com o sub-projeto "A Geografia do Além na Visão de Túndalo". Prêmio de Menção Honrosa em 2009 (aluno- voluntário) e em 2010 (Ciências Humanas – CNPq) no XXI e no XXII Seminário de Iniciação Científica da UEMA (realizados respectivamente em 2009 e 2010). E-mail: solstar22@hotmail.com

O Além foi um dos temas utilizados pela Igreja Católica para difundir as glórias e as punições que os cristãos estariam sujeitos se não cumprissem com as doutrinas religiosas indicadas por esta instituição. Vários relatos de viagens imaginárias sob forma de visão foram difundidos pelos clérigos durante a Idade Média, com o objetivo de fornecer modelos de comportamento para obtenção da salvação.

Os *exempla* eram relatos breves, tidos por verídicos, com o intuito de serem inseridos num sermão ou discurso de fundo teológico para convencer uma platéia através de uma lição moral. A narrativa *Visão de Túndalo* é um *exemplum* dessas viagens imaginárias, descrevendo os caminhos percorridos pelas almas no Além-túmulo em três espaços: Inferno, Purgatório e Paraíso. De acordo com as ações feitas pelas pessoas enquanto viviam na terra, suas almas teriam um lugar específico no Além, dependendo somente das condutas realizadas na vida terrena. Assim, nessa narrativa um cavaleiro terá a oportunidade de visitar esses três lugares, sendo conduzido por um anjo que lhe mostrará as punições e as glórias desse mundo dos mortos. Percebe-se nesse manuscrito a predominância das descrições do Inferno em oposição ao lugar de paz do santo Paraíso, porque a intenção era que os fiéis sentissem temor e se afastassem dos pecados.

Segundo Jean Delumeau, as "viagens da alma", redigidas em latim, constituíram um gênero literário de sucesso até o século XII, sendo os mosteiros os grandes centros de redação e difusão dessa literatura (DELUMEAU, 2003, p.76). Esses relatos foram difundidos até o final da Idade Média, como é o caso da *Visão de Túndalo*.

Os relatos de viagens ao Além são de suma importância para entendermos a preocupação da cristandade medieval com o Diabo, porque nos oferecem as descrições de castigos e sofrimentos no *post-mortem* nos seus mínimos detalhes. Esses manuscritos nos mostram como as figuras dos seres das trevas eram representadas e fixadas no pensamento do homem medieval.

Os *exempla* eram apresentados por pregadores religiosos com o objetivo de conversão. A narrativa conta a trajetória de um cavaleiro pecador, Túndalo, que fica como que morto pelo espaço de três dias quando empreende, acompanhado por um anjo, uma viagem do Inferno ao Paraíso para que se arrependesse dos pecados e passasse a levar uma vida virtuosa. O início da narrativa explica bem o seu propósito: "Este tal e tão pecador quis Deus para exemplo de nós todos que ***visse*** muitas coisas e as ***sofresse*** e que as ***contasse*** a nós, para que ***tomássemos exemplo*** para nos ***castigarmos de mal fazer***" (VT, 1895, p.101). (grifo nosso)

No caso de *A Visão de Túndalo,* o objetivo é mostrar aos fiéis as corretas normas de comportamento para atingirem o Paraíso na outra vida e por isso são enfatizadas no relato as sensações dos órgãos dos sentidos para que as impressões fossem gravadas mais fortemente pelos ouvintes. Outro aspec-

to importante é que o redator afirma ter ouvido o relato do próprio Túndalo e que o contaria da melhor maneira que pudesse (VT, 1895, p.120).

A *Visão de Túndalo* foi produzida por volta de 1149 por um monge cisterciense e dela existem vários manuscritos em latim e línguas vernáculas, como alemão, anglo-normando, inglês, provençal, português, holandês, entre outras. Nas versões do século XII a obra teria sido dedicada a Gisela, abadessa de Regensberg pelo monge irlandês Marcos que a teria produzido em gaélico ou latim. Mesmo assim, não se sabe muito bem quem é esse Marcos e o escrito é considerado anônimo. Ao contrário dos tempos atuais, o período medieval nem sempre se preocupou com a autoria e era importante a vinculação sempre de um texto com outro mais antigo e de maior autoridade, principalmente a *Bíblia*.

As versões da narrativa utilizadas neste estudo são do século XV (códices 244 e 266), quando a narrativa foi traduzida para português também por um monge cisterciense, do mosteiro de Alcobaça. Na versão do códice 244, traduzida por frei Zacarias de Payopelle, a obra teria sido composta por Marcos para a abadessa Gertrudes. Já a versão do códice 266, traduzida por Frei Hilário de Lourinha, não menciona o autor. Utilizamos também uma versão em provençal do século XV.

Baschet afirma que do século XII ao XV a espacialização do Além se tornou mais complexa, com o estabelecimento de cinco lugares no Além, como é bem delimitado no retábulo *A Coroação da Virgem*, de Enguerrand Quarton (1454, Museu Pierre de Luxembourg, Villeneuve-lès-Avignon) (BASCHET, 2006, p.406). Destes lugares, como mostra a imagem de Quarton, havia o Paraíso, o Inferno, o Purgatório, o Limbo dos Patriarcas, isto é aqueles que viveram antes da vinda de Cristo, e o Limbo das Crianças. Os que permaneciam nos limbos foram aqueles que não receberam o batismo e por esse motivo nunca poderiam se beneficiar totalmente da presença divina. Isso ocorria porque, desde o Pecado Original o batismo era essencial para minorar parcialmente o pecado de toda a humanidade. Os patriarcas do Antigo Testamento, bem como Adão e Eva haviam sido retirados deste limbo quando da descida de Cristo aos infernos (BASCHET, 2006, p. 394-408).

Num primeiro momento, acreditava-se que após a morte os defuntos ficavam em estado de sonolência no *locus refrigerii* (lugar de refrescamento), devendo acordar somente no Juízo Final. Outro lugar de descanso seria o seio de Abraão (LE GOFF, 2002, p.25). Mas havia escritos também que defendiam locais de penas aos faltosos após a morte. Desde o século II, evangelhos apócrifos como *Livro de Enoch* e o *IV Livro de Esdras* previam vários lugares de tortura e este último escrito mencionava sete maneiras de punição (ZIERER, 2003, p.145).

Os teólogos cada vez mais aproximaram os castigos ao estado da alma após a morte. Por isso, a posição oficial no Ocidente desde o século XII foi

de que as ações em vida determinavam o local para onde iam os mortos, sendo alguns deles já eternamente em estado de danação. Cada fiel deveria, conduzido pelos *oratores*, seguir uma vida virtuosa de esmolas e orações para que quando morresse pudesse ser conduzido a um bom lugar. O mundo era então visto como um lugar de combate entre as forças do bem, representadas pela Igreja, Deus e seu filho, Maria, os anjos e santos e de outro as forças do mal representadas por Satã e seus auxiliares, que tentavam o ser humano, já destinado desde a Queda para o mal e o pecado.

Ainda que no Juízo Final Jesus viesse uma segunda vez para separar definitivamente os bons dos maus, estabelecendo a Jerusalém Celeste, após a morte já haveria um período de provação dos pecados e depois disso o Paraíso para os eleitos. A partir de meados do século XII começou a ser construída pela Igreja a noção de um lugar purgatório das faltas que poderiam ter o seu tempo de sofrimento reduzido se o fiel houvesse se penitenciado na terra ou se os vivos intercedessem por ele mandando rezar missas e fazendo doações, o Purgatório.

1.O Diabo no Imaginário Medieval

De acordo com Schmitt, o imaginário está relacionado com as relações dos homens entre si, com Deus e com o invisível. O imaginário caracteriza-se ainda como

> uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais. Toda sociedade, todo grupo produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade (SCHMITT, 2007, p.351).

Le Goff também afirma que as fontes literárias e artísticas são privilegiadas no estudo do imaginário medieval (LE GOFF, 1994, p.13).

A figura do Diabo desde o ano mil adquire traços animalescos na arte e o seu poder parece cada vez maior forte, sendo necessário o braço da Igreja para afastar o cristão do engano e do mal que o ser maléfico representa, atraindo as pessoas para os prazeres mundanos, como é o caso do cavaleiro Túndalo, que analisaremos com detalhes.

A apresentação do Diabo como um espírito maligno que desviava as pessoas do caminho de luz e ensinamentos de Deus veio a reforçar o cristianismo como a Religião da Salvação. Nesse embate entre o Bem (o reino de Cristo) e o mal, a Instituição Eclesiástica afirmava o seu poder perante essa luta contra os demônios.

Outro aspecto que está relacionado com o sistema penal aplicado pelos diabos são as ações feitas pelas pessoas enquanto viviam na carne. Se as condutas enveredassem para o caminho do mal, como por exemplo, se afastar das doutri-

nas elaboradas pelo cristianismo (fazer orações, doações e frequentar as missas etc.) o caminho das almas já estava traçado no espaço do Além: o Inferno.

A preocupação dos eclesiásticos era livrar o homem do pecado através do caminho da salvação, isto é, a prática das virtudes, em oposição aos vícios. Daí a necessidade de seguir os ensinamentos de Deus para se livrar dos sofrimentos eternos nas profundezas do Inferno.

A atmosfera infernal era muito difundida pela Igreja Católica por meio dos *exempla* e da literatura que contém várias descrições sobre esse espaço: lugar de dor e sofrimento onde as almas dos maus cristãos padecem nas mãos dos demônios. É importante destacar que esses relatos eram principalmente ouvidos pela população e que por este motivo a narrativa está repleta de "índices de oralidade" (ZUMTHOR, 1993), expressões como ouvir, falar, dizer que nos mostram que o texto era ouvido e não lido.

Nos manuscritos do século XII os tormentos vistos por Túndalo são divididos em oito lugares de tortura, Inferno Inferior e Paraíso (CAROZZI, 1994, p.597). Nos relatos do final da Idade Média, os antigos lugares de castigo são identificados como pertencentes ao Purgatório. Já o Inferno Inferior passa a representar o Inferno propriamente dito, local das punições perpétuas aos pecadores. A versão em provençal separa por títulos as experiências no Purgatório, Inferno e Paraíso.

Os clérigos eram os representantes do sagrado e sua ação visava obter o arrependimento e a salvação dos fiéis. Os monges, devido ao seu isolamento do "século" eram considerados importantes interlocutores com o sagrado, daí o seu caráter importante na mediação da salvação. A fundação da Ordem de Cluny envolveu a criação do dia de Todos os Santos e de sufrágios em forma de missas que envolveram ações dos vivos para abreviar o sofrimento dos mortos no Além. A Ordem de Cister, criada em 1098, também procurou enfatizar os pilares da tradição beneditina em suas ações de rezar, cantar e louvar a Deus, ações consideradas análogas às dos anjos, com seus coros celestes, preparando assim os fiéis para dirigirem-se a sua salvação.

Um elemento crucial para obter a salvação segundo o pensamento medieval consistiria na purificação do corpo, daí o fato de que as virgens e os monges eram os modelos mais admirados socialmente, pois se considerava que capazes de se afastar das tentações ou prazeres (como o sexo ou as bebidas alcoólicas) conseguiriam atingir o Paraíso. A desigualdade é entendida como algo natural e mesmo as recompensas na outra vida ou os castigos viriam de acordo com as ações realizadas no mundo terreno. O próprio Paraíso, de acordo com a concepção vigente, era hierarquizado, como ocorre na *Visão de Túndalo*, com três muros diferentes, um Muro de Prata, um de Ouro e o melhor deles, o Muro de Pedras Preciosas, cada um deles de acordo com o merecimento dos eleitos.

Para incitar os fiéis a trabalharem por sua salvação, a Igreja Medie-

val apresentava mais o medo do Inferno do que o desejo do Paraíso, dessa maneira surgindo assim um cristianismo do medo. Essas práticas mostram como a Igreja utilizava o Além para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela velava (LE GOFF, 2002, p.30).

As descrições dos sofrimentos são frequentemente mais longas e detalhadas que as maravilhas e delícias que as almas poderiam desfrutar com a salvação. Na *Visão de Túndalo* os lugares das trevas são muito explorados, pois à medida que os ouvintes escutavam esse relato, as impressões sobre esses locais eram capazes de causar mudanças de comportamento.

Assim era mantida vívida a ameaça do Inferno diante dos olhos da população medieval, com o objetivo de manter os indivíduos afastados dos prazeres da carne e se dedicarem mais à vida espiritual fazendo boas ações para com Deus e seguindo os preceitos doutrinários cristãos.

Passando por diversos lugares onde as almas são atormentadas, o cavaleiro Túndalo, acompanhado pelo anjo, vai dando uma visão panorâmica das características do mundo das trevas. Cada espaço se destina a uma categoria de punição que está relacionado com os tipos de pecados cometidos pelas almas (ladrões, fornicadores, assassinos, luxuriosos etc.), classificando assim, as penas do Inferno segundo as categorias de pecados e pecadores, daí as divisões do Inferno em hierarquias superiores e inferiores.

Esses lugares são apresentados na narrativa como um ambiente inóspito, cheio de sofrimentos, penas e tormentos, onde as almas dos maus cristãos padecem nas mãos dos seres malignos. À medida que a alma do cavaleiro Túndalo, acompanhado por um anjo, vai visitando os espaços do Inferno, aquele vai fazendo perguntas para o ente celestial, do por que das almas sofrerem as punições em locais específicos, detalhando assim, através dos relatos visionários, as categorias punitivas sofridas pelas almas.

Quanto mais desciam no Inferno mais horrores eram encontrados nesse lugar, pois o jogo de palavras presente no *exemplum* – trevas, fogo, frio, quente, escuro etc. – deixava bem claro o mal que os condenados estariam sujeitos a padecer depois da morte.

Sobre a figura do Diabo, um dos principais elementos dessa descrição, era alimentado pelo imaginário cristão, sendo uma das preocupações da Igreja em apresentá-lo como o inimigo das virtudes e do Bem. Para enfrentá-lo e se livrar das tentações e da indução ao mal, as pessoas tinham como aliados Deus, os anjos e a Igreja. Lúcifer, considerado o Príncipe das Trevas, não estava apenas associado como aquele que aplica os piores castigos na narrativa, como também sofre punições devido à sua soberba.

Carlos Roberto F. Nogueira em seu livro *O Diabo no Imaginário Cristão* apresenta os olhares sobre esse ser maligno e como a institucionalização do Espírito do Mal passa a integrar o dogma central do cristianismo:

> A cristandade podia buscar a proteção da Igreja contra as maquina-

> ções do Mal, persistindo na esperança de que fé, arrependimento e o sacramento poderiam levar as pessoas em segurança para a vida eterna (NOGUEIRA, 2002, p.46).

Para o autor, o grande modelo que influenciou toda uma iconografia diabólica foram as clássicas imagens de Pã e dos sátiros: criaturas meio homem, meio bode, com chifres, cascos partidos, olhos oblíquos e orelhas pontiagudas (NOGUEIRA, 2002, p.67). Os relatos medievais estão cheios de manifestações do Diabo em forma animal (serpente, dragão, mosca, vespa, pássaro negro, gato...). No extremo oposto, o Tentador pode até usurpar uma aparência totalmente humana (BASCHET, 202, p.322).

A Igreja Católica mantinha vivida a ameaça do Inferno diante dos olhos dos cristãos, para isso se utilizava de discursos e representações que enfatizavam a monstruosidade, animalidade e crueldade dos demônios, que começa a ser desenvolvida a partir do ano mil:

> Ao longo da Idade Média, a importância da figura do Maligno é constantemente reforçada, tanto nos textos como nas imagens, nas quais ele só aparece a partir do século IX. No mais, é somente por volta do ano mil que encontra um lugar digno dele, quando se desenvolve uma representação específica que sublinha sua monstruosidade e sua animalidade, manifestando assim seu poderio hostil de modo sempre mais insistente (BASCHET, 2006, p.381).

Através de uma literatura descritiva, essa Instituição visava enfatizar os horrores diabólicos, com intuito de conscientizar os fiéis de suas faltas e fazer com que estes buscassem a sua proteção. A aplicação dos castigos era destacada nas visões para que os cristãos evitassem os pecados em vida e as dores infernais após a morte:

> O "horror diabólico" domina as consciências cristãs. Nas igrejas, pregam-se as penas infernais. A fantasia do eclesiástico deve chocar provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicote, dragões, água e piche fervendo, fogo e gelo, infinitas torturas (NOGUEIRA, 202, p.77)

A figura do Diabo no período medieval é apresentada com várias facetas, ou seja, ora esse ser causava medo, ora era visto como uma figura cômica. Jérôme Baschet (2002) escreveu em seu artigo, "Diabo", sobre o desenvolvimento de teatralização cômica do ser maligno, apresentando os diferentes aspectos dessa figura que ao mesmo tempo era vítima e carrasco, temível, aterrorizante e grotesca.

O teatro, em particular os mistérios da Paixão, comumente põe em

cena esse aspecto. O Diabo do teatro é ridículo quando ignora sua própria fraqueza, é cômico quando se vê enredado por causa de sua tolice, ou quando os diabos se atormentam mutuamente, em particular quando Lúcifer pune os fracassos de Satã. Manifesta-se, assim, a complexidade e a ambivalência da figura do Diabo, na qual se mescla poder e debilidade, dominação social da Igreja e inversão paródica (BASCHET, 2002, p.327).

Jeffrey Russel mostra como Satã foi representado na arte e na literatura na Alta e Baixa Idade Média. Aponta que os artistas pareciam selecionar de acordo com as suas fantasias os diabos (com pés e mãos humanas, cabelos selvagens, faces monstruosas e horrorosas). Este autor comenta que nas peças de mistérios e milagre o Diabo apareceu de forma mais convincente, pois essas peças foram escritas na sua maior parte por clérigos com a finalidade tanto de edificar quanto entreter (RUSSEL, 2003, p.237).

Conforme explica Russel, na literatura foi utilizado mais teologia, religião popular e folclore que arte de representação da figura do Diabo. Sendo que artistas literários, frequentemente não teólogos, fizeram modificações estéticas ou dramáticas (RUSSEL, 2003, p.127).

Ao longo do tempo o Diabo foi representado tradicionalmente por diferentes religiões que construíram uma imagem que expressava suas maldades, adquirindo dessa maneira, várias evoluções na História. Nogueira, ao falar das origens do anjo rebelde, mostra como se estruturou a figura do Demônio no Ocidente cristão, desde as tradições hebraicas à época helenística. Para ele, foi a religiosidade hebraica que imprimiu nas consciências posteriores o arquétipo do Grande Inimigo, constituído através de sua evolução histórica. Aponta que o momento decisivo para a formação de uma hierarquia demoníaca foi o cativeiro de Babilônia, nos séculos VI a.C.

Já na época helenística, o autor traça uma perspectiva distinta, mas que converge com a tradição do hebraísmo tardio para traçar definitivamente o perfil do Diabo cristão, encontrada na reforma efetuada no antigo politeísmo grego pela escola neoplatônica (NOGUEIRA, 2002, p.21).

Outra discussão a respeito do Diabo refere-se à sua identidade, especificamente aos nomes que lhes são atribuídos e que particularmente levam a uma hierarquização entre as forças do mal. Russel enfatiza que as centenas de nomes dados aos demônios na literatura medieval, só alguns têm sido concedidos ao próprio Diabo. Os sete nomes associados aos sete vícios no século XV: Lúcifer (orgulho), Belzebu (inveja), Satanás (ira), Abadon (indolência), Mammon (avareza), Belphegor (glutonia) e Asmodeus (luxúria) (RUSSEL, 2003, p. 240).

Sobre essa associação do nome do Diabo aos sete pecados, Nogueira apresenta uma explicação, demonstrando que isso se deve a uma questão de classificação funcional dos espíritos do Mal que representava a tentativa de emprestar ordem e coerência à demonologia (NOGUEIRA, 2002, p.75).

Para Baschet, esses nomes específicos apontados acima são usados algumas vezes, seja para enfatizar a diversidade do mundo infernal, seja, sobretudo no século XV, para designar as potências intermediárias entre Lúcifer e os simples demônios (BASCHET, 2002, p.321).

Os medievos também desenvolveram uma representação de um Diabo que não estava associado apenas como aquele que aplicava os castigos às almas, conforme será observado na figura de Lúcifer na *Visão de Túndalo*.

2.O Monstruoso e o Diabo na Visão de Túndalo

A *Visão de Túndalo* pode ser vista como um manual pedagógico da salvação, ensinando o que os fiéis deveriam evitar (os pecados) e as atitudes corretas que deveriam empreender para atingir a salvação na outra vida. Por isso no relato, tanto a figura do anjo quanto dos demônios agem como professores do cavaleiro para que este reconhecesse seus pecados e deles se arrependesse para conseguir a salvação.

Logo quando a alma do cavaleiro sai do corpo, este é cercado por muitos demônios que enchiam ruas e praças e pretendiam levar a alma, que assistia a tudo aterrorizada. Os demônios são os primeiros a chamar a atenção de Túndalo para os seus pecados. "***Ai mesquinha***, este é o povo que escolheste com os quais arderás no fogo do Inferno [...]" (VT, 1982/83, p.39) e por fim os demônios a acusam de seus pecados e a questionam:

> Hora ***dize*** porque nõ es agora ***sobrevosa*** como soyas. Ou porque nõ fazes discórdias. Ou porque nõ ***fornigas***. Ou porque õ levãtas ***pellejas*** como soyas. Hu som os teus ***devaeos***. E a tua ***vãã gloria*** hu he. O teu ***comer e o eu bever*** que tu avias de que ***davas muy pouco aos pobres***. Hu som as tuas locuras que tu fazias. Todo já he passado e tu penarás por ello (VT, 1982/83, p.39) (grifo nosso).

Enquanto isso a alma "***ouvia*** tudo e vendo tão má visão ficou muito espantada" (VT, 1982/83, p.39). Assim, temos muito impressionante no relato o ouvir e o falar, relativos ao órgão da audição, e o ver, referente à visão. Os demônios são os primeiros a apontar a Túndalo seus erros, associados aos pecados mundanos e aos sete pecados capitais, que todos os fiéis deveriam evitar. No trecho são mencionados vários desses pecados como a soberba (orgulho), a fornicação (luxúria), as pelejas (relacionado à ira), o comer e beber (gula), o fato de dar pouco aos pobres (avareza), os devaneios (talvez associados à preguiça) a vã glória, associada à inveja ou ao orgulho.

Logo a seguir aparece o anjo identificado com luz e claridade que explica ao cavaleiro que o objetivo de toda a sua provação seria que se emendasse de "seus pecados e das suas maldades" e que tudo aquilo era um sinal da misericórdia divina: "Deus ha de ti piedade e non padeceras tantas penas quantas

mereciste. mais passaras por muytos tormentos e depois desto tornaras ao corpo. Por ***corregeres*** tua uida." (VT, 1895, p.102-103) (grifo nosso).

Assim a *Visão de Túndalo* tem o aspecto pedagógico de mostrar ao cristão quais os caminhos deveria seguir, sendo conduzido pelos *oratores* e passando a uma vida cristã de orações, doações à Igreja e aos pobres, frequência às missas, temor a Deus e afastamento dos pecados. Conforme indica esta *visio*, Túndalo devia fiar-se nas virtudes cristãs que podem ser divididas entre as virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança), e distanciar-se dos sete pecados capitais (luxúria, gula, preguiça, inveja, ira, avareza e vaidade).

Para conduzir o pecador ao bom caminho, a narrativa vai mostrando os pecados cometidos por Túndalo e por outros e as punições para cada tipo de pecado, de forma a ensinar aos ouvintes o que não deveriam praticar. Deste modo, poderiam refletir sobre as suas próprias faltas e passariam a seguir o caminho indicado pelos clérigos.

No Purgatório o nobre sofre vários tormentos, como o de ser tragado por um monstro que come e vomita as almas (VT, 1895, p.107-108). O anjo lembra a todo o momento da bondade de Deus, o qual deseja salvar Túndalo, daí querer mostrar a ele as punições aos pecados, visando obter o arrependimento.

O caráter didático do *exemplum* também é mostrado através do tipo de punição aos pecados, pois a cada lugar onde passam, Túndalo pergunta ao anjo quem está ali e porque merece ser colocado no local. O ente de Deus explica e logo admoesta Túndalo a mudar a mudar de vida para evitar o Purgatório e o Inferno após sua morte. Também lhe dá conselhos sobre o que fazer para atingir os locais paradisíacos na outra vida. Os dois passam por todos os espaços do Além. Uma das piores punições sofridas pelo cavaleiro é a dos luxuriosos.

Eram devorados por uma besta com dois pés, duas asas muito grandes e de sua boca saíam grandes chamas de fogo. No interior do monstro, os pecadores sofriam tormentos e engravidavam tanto homens quanto mulheres, de outras feras, as quais pariam, com grandes gritos, por todas as partes do corpo. Estes animais os mordiam até os ossos e queimavam suas artérias e pulmões:

> Havia nos diversos membros e nos dedos cabeças de diversos animais que mordiam os próprios membros até os nervos e ossos. Tinham também línguas vivas [línguas de fogo] como de serpentes, que devoravam todo o palato e a traquéia, tudo, até os pulmões (*Vision de Tindal*, 1903, p.84).

Depois disso, as almas eram torturadas pelos demônios e derretidas como o chumbo, com o uso de martelos e outros instrumentos, e transfor-

madas em massa: "as uezes de cen almas se fazia huma massa" (VT, 1895, p. 109). Porém por mais castigos que sofressem as almas nunca poderiam morrer, conforme desejavam.

É importante observar que o relato sobre Túndalo influenciou outros autores, como Dante Alighieri, que escreveu a *Comédia* no século XIV. Inspirado nas punições sofridas por Túndalo, Dante explica com detalhes os sofrimentos principalmente dos usurários nos círculos do Inferno.

No caso de Túndalo, o anjo o acompanha, mas deixa que ele sofra um pouco as penas de que era culpado, nas quais é torturado juntamente com os avaros, ladrões, glutões, fornicadores e luxuriosos, penas essas associadas aos sete pecados capitais.

Uma das punições sofridas pelo cavaleiro é a dos ladrões quando é obrigado a passar por uma ponte com pregos carregando uma vaca, que no passado havia roubado de um vizinho. No meio do caminho encontra outro condenado carregando um feixe de trigo e nenhum dos dois quer dar passagem ao outro, pois aquele que caísse encontraria em baixo o fogo ardente. Assim, ambos choram e se acusam mutuamente de seus pecados. Enquanto na versão provençal o anjo cura os pés de Túndalo (*VTindal*, 1903, p.77), nas versões portuguesas da mesma época o anjo lembra que os pés do cavaleiro eram antes ligeiros para fazer o mal e o aconselha a dar prosseguimento a sua jornada no Além (VT, 1982/83, p. 42; VT, 1895, p.106).

As descrições na narrativa têm um tom edificante quando citam as paisagens do Inferno como: vales tenebrosos e muito profundos, montes muito altos, grandes lagos, mar com ondas gigantes, o que aumentava o temor dos ouvintes e consequentemente a sua inspiração para a busca da salvação antes da morte. Outro elemento que alimentava o imaginário cristão eram as visões aterrorizadoras do Diabo, que tinha como tarefa castigar os maus no Além e se apossar das almas pecadoras.

A figura de Satã era uma das maiores preocupações da Igreja que mostrava aos fiéis que ele (e seus auxiliares) era o maior inimigo das virtudes e do Bem e contra aos princípios de Deus, portanto sendo os responsáveis pelas torturas e sofrimento eternos das almas no Inferno.

> A intensa presença de Satã no decorrer da Idade Média não pode ser entendida sem ao mesmo tempo considerar os poderes que a controlam: figuras divinas e santas, mas também autoridades eclesiásticas e estatais que afirmam seu poder no combate vitorioso que tratavam contra o mal absoluto (BASCHET, 2002, p.330).

No manuscrito os diabos aparecem com várias características, como exemplificados no relato: bestas com dois pés, duas asas, bocas grandes com chamas de fogo, bestas com dentes de ferro bem pontudos e olhos seme-

lhantes a duas brasas acesas entre outras, bem como diabos negros com caudas iguais a de um escorpião:

> E uio huma besta tan grande que sobrepoiaua todos os montes que ia ante uira [...] Ca os seus olhos pareciam outeyros accesos. E sua boca que Ella tynha aberta. Bem poderiam per Ella caber noue mil homeens armados [...] Ca os seus olhos pareciam outeyroa accesos [...] E sayam per aquela boca muy grandes chamas de fogo [...] (VT, 1895, p.104).

À medida que o cavaleiro Túndalo e o anjo iam passando pelos caminhos das trevas, as penas infernais estavam sendo aplicadas pelos demônios que possuíam instrumentos de torturas, como por exemplo, o gadanho de ferro, martelos, objetos pontiagudos, etc. Então, a Igreja através dessa literatura descritiva tentava conscientizar os cristãos através do medo dos entes maléficos, com intuito de assustar os fiéis pelas visões imaginárias desses seres malignos, estimulando assim um comportamento adequado.

Os usos dos órgãos dos sentidos nesses lugares de trevas são muito explorados, pois à medida que os ouvintes escutavam esse relato, a reação de choque aos horrores praticados pelos demônios, que castigavam as almas impressionava-os fortemente. Assim eram realçadas as sensações dos órgãos dos sentidos como, o olfato (fedor de almas queimadas e rios de fumaça com fedor de enxofre), o tato (ambiente frio e torturas, derreter e ferver no fogo que as almas estavam submetidas), a audição (gemidos e ruídos).

Importante salientar que a própria figura de Lúcifer também padece. Essa criatura das profundezas das trevas também sofria as punições destinadas aos pecadores, pois vivia preso num leito de ferro em forma de grelha com carvão em brasas, rodeado e atormentado por demônios e cercado por muitas almas, como mostra a narrativa *Visão de Túndalo*:

> ***E aquel lucifer iazia escondudo em huun leito de ferro. Feyto a maneyra de greelhas***. e so aquel leyto ***iazian caruooens accesos***, e soprauannos. e ***acendiannos muytos demoes***. E cereauanno de muytas almas [...] (***VT***, 1895, p.110) (grifo nosso).

Ele possuía unhas enormes afiadas como lanças e proporciona os piores castigos aos condenados (VT, 1895, p. 110-111) e ao ser atormentado pelos demônios esmagava as almas entre os dedos. O sofrimento dos pecadores é infinito e ininterrupto. O Diabo estava fadado a grandes e eternas penas por cometer o pecado da soberba, pois segundo o discurso da Igreja, no começo aquele foi um anjo de luz que vivia no deleite do Paraíso, mas por cometer esse pecado se afundou no abismo.

> De todos os seres, ***o Diabo foi o primeiro a ser criado. Ele era um querubim, o mais alto de todos os anjos, e poderia ter permanecido***

> ***no pináculo da criação se não tivesse escolhido pecar***. Esta visão [...] ficou como modelo na Idade Média [...] (RUSSEL, 2003, p.88) (grifo nosso).

Inspirado na descrição apresentada na *Visão de Túndalo* os irmãos Limbourg retrataram Lúcifer no século XV no Inferno, conforme pode ser visto abaixo:



Figura 1. ***Inferno***. *Les Tres Riches Heures du Duc de Berry* (Livro de Horas do Duque de Berry), 1415. Musée Condé (ms. 65/1284, fol. 108r), Chantilly.

A figura de Lúcifer estava associada nesse relato não só como aquele que aplicava os castigos às almas; ele também jamais reconhecerá o repouso eterno, sofrerá os tormentos destinados aos pecadores, pois essa fera estava aprisionada num leito de ferro em forma de grelhas com carvões em brasas,

conforme pode ser visto na imagem, e vivia rodeado e atormentado por demônios e cercado por muitas almas, praticando as torturas e também padecendo dessas grandes penas.

A *visio* afirma que ele é "negro como carvão" (VT 1895, p.110), o que também se confirma na pintura. Lúcifer é retratado pelos irmãos Limbourg de forma animalesca e, por ser o Príncipe das Trevas, porta uma coroa em sua cabeça.

Os demônios que o atormentam igualmente possuem aspecto animal, como descrito por Russel, Nogueira e Baschet em relação a essas criaturas. Apresentam na imagem asas de morcego, rabo e outros aspectos bestiais. Outro elemento característico da iconografia do Inferno é a sua escuridão, caracterizada por tons escuros e avermelhados, por montanhas e pelo fogo.

A criatura das profundezas das trevas não só aplicava os mais cruéis castigos às almas, como também sofria punições aplicadas pelos outros demônios, o que incitava Lúcifer a torturar mais os pecadores. É importante ressaltar que na *visio*, o anjo explica ao cavaleiro Túndalo que os demônios que foram vistos faziam parte da linhagem de Adão e Eva, esses que pecaram mortalmente e não fizeram penitências.

Os tormentos que as almas estavam submetidas eram terríveis, pois o Senhor das Trevas, inimigo da linhagem humana, aplicava castigos indescritíveis como levantar as almas com grande ira e apertá-las contra o seu corpo, assim como se amassam o bagaço das uvas (VT, 1895, p.111) o que pode igualmente ser visto na imagem do *Livro de Horas do Duque de Berry*. Lúcifer queimava a todos com o fogo do Inferno, no seu ventre padeciam de outras penas; caso as almas tentassem fugir das suas mãos, o ferimento seria pior com aquele rabo de escorpião que ele possuía.

Depois de tragar as almas no seu ventre ele as espalhava por diversas partes do Inferno (VT, 1895, p.111). Na pintura podemos observar que as almas saíam da sua boca, o que mostra o aspecto infernal do órgão da fala, associado ao espaço demonícaco. Baschet menciona uma oralidade devoradora que cada vez mais é retratada na iconografia medieval (BASCHET, 2002, p.328).

Outro elemento retratado pela imagem é o fato de os demônios torturarem também religiosos, o que mostra que no Inferno não há divisão social, o que importa são as ações realizadas pelos cristãos em vida.

Após sofrer alguns castigos e de conhecer os Muros Celestiais, divididos em Muro de Prata, de Ouro e de Pedras Preciosas – locais do Paraíso destinados aos bons cristãos, aos anjos e santos –, Túndalo retorna ao seu corpo. Imediatamente modifica o seu antigo comportamento, pedindo para receber a hóstia e se confessar dos seus pecados. Logo a seguir o cavaleiro dividiu os seus bens com os pobres e entregou parte deles à Igreja, passando a ter um comportamento de bom cristão, seguidor dos conselhos do clero.

Portanto, o objetivo do relato estava cumprido, isto é, mostrar as penas do Além para que os cristãos se arrependessem e passassem a seguir os ensinamentos da Igreja, capazes de conduzi-los à salvação.

Considerações Finais

A Igreja Católica através de uma pedagogia do medo mostrava aos fiéis a necessidade de trabalhar por sua salvação, caso contrário suas almas estariam fadadas aos sofrimentos eternos. Através das descrições da narrativa *Visão de Túndalo*, a geografia do Inferno é preponderante em relação aos dois reinos do Além – Purgatório e Paraíso –, o que deixa evidente a intenção da Igreja em demonstrar mais a atmosfera infernal do que a glória celestial no intuito de conduzir o comportamento adequado que levaria à Jerusalém Celeste na outra vida.

A narrativa confirma as afirmações de Le Goff e Delumeau sobre a ênfase dada pelo clero no medo do Inferno e do Diabo como forma de se conduzir o fiel à salvação. Neste sentido, o *exemplum* cumpre bem o seu papel educativo. Túndalo, após sofrer os castigos do Além-túmulo e de encontrar parentes seus sofrendo no Inferno, muda o comportamento e passa a adotar atitudes indicadas pela Igreja para obter a salvação da sua alma e dos ouvintes do seu relato, que seriam influenciados pela sua conduta de arrependimento e purificação no intuito de atingirem o Paraíso.

Referências

Fontes

Visão de Túndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. ***Revista Lusitana***, 3, 1895. p.97-120 (Códice 244).

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. ***Revista Lusitana***, n. s., 4, 1982-1983. p.38-52 (Códice 266).

Vision de Tindal In: ***Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul***. Textes languedocienes du XV siècle. (Publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Tolouse: E. Privat, 1903, p.57-119.

Bibliografia

BASCHET, Jérôme. "Diabo". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). ***Dicionário Temático do Ocidente Medieval***,São Paulo:

EDUSC/Imprensa Oficial do Estado,vol I, 2002. p.319-331.

BASCHET, Jérôme. ***A civilização Feudal: do ano mil à colonização da América***. São Paulo: Globo, 2006.

CAROZZI, Claude. ***Le Voyage de l'Âme dans l'Au-Delà d'Après la Littérature Latine*** (***V-XIIIéme Siècle***). Paris: École Française de Rome, 1994.

DELUMEAU, Jean. ***O que Sobrou do Paraíso?*** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELUMEAU, Jean. ***História do Medo no Ocidente***. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LE GOFF, Jacques. "Além". In: ***Dicionário Temático do Ocidente Medieval***. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p.21-33.

LE GOFF, Jacques. ***O Imaginário Medieval***. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. ***O Nascimento do Purgatório***. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. ***O Diabo no Imaginário Cristão***. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

RUSSEL, Jeffrey Burton. ***Lúcifer: O Diabo na Idade Média.*** São Paulo: Madras, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. ***O Corpo das Imagens***. São Paulo: EDUSC, 2007.

ZIERER, Adriana. "Paraíso *versus* Inferno: A *Visão de Túndalo* e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)". *In*: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (coord). Expresar lo Divino: Lenguage, Arte y Mística. ***Mirabilia***. Revista de História Antiga e Medieval. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe--Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, p. 137-162. (Disponível na Internet: ***Mirabilia 2*** (2002). www.revistamirabilia.com). Acesso em 30/05/2010.

ZIERER, Adriana. "Aspectos Educacionais da Salvação Cristã na Visão de Túndalo". In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita M. ***Pesquisas em Antigüidade e Idade Média: Olhares Interdisciplinares***. São Luís: Ed. UEMA, 2007, p. 293-308.

ZUMTHOR, Paul. ***A Letra e a Voz. A "Literatura" Medieval***. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Artigo recebido em 31/08/2010 e aceito para publicação em 26/11/2010